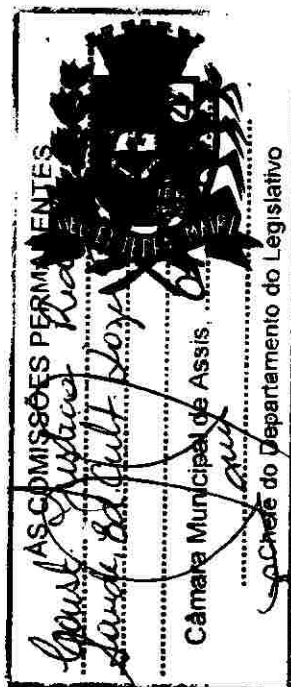


Câmara Municipal de Assis

ESTADO DE SÃO PAULO

PROJETO DE LEI N.º 046/2014

DISPÕE SOBRE DENOMINAÇÃO DA PRAÇA DOS ESPORTES E DA CULTURA NO PARQUE COLINAS DE ESPAÇO COMUNITÁRIO "HELENIRA REZENDE DE SOUZA NAZARETH"



RICARDO PINHEIRO SANTANA, Prefeito do Município de Assis, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei, faz saber que a Câmara Municipal de Assis aprovou e ele sanciona a seguinte Lei:

Art. 1º. A Praça dos Esportes e da Cultura localizada no Parque Colinas passa a denominar-se **Espaço Comunitário "Helenira Rezende de Souza Nazareth"**.

Art. 2º. A placa indicativa do nome da praça deverá ser fixada no prazo de 60 (sessenta) dias, contados da promulgação da presente Lei, conforme o que dispõe a Lei n.º 095, de 10 de agosto de 1992.

Art. 3º. As despesas decorrentes com a execução da presente Lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 4º. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º. Revogam-se as disposições em contrário.

SALA DAS SESSÕES, EM 31 DE MARÇO DE 2014.

REINALDO FARTO NUNES - PORTUGUÊS
Vereador do Partido dos Trabalhadores

JOSÉ LUIZ GARCIA
Vereador do Partido dos Trabalhadores



Câmara Municipal de Assis

ESTADO DE SÃO PAULO

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC do B), nasceu na cidade de Cerqueira Cesar, Estado de São Paulo, no dia 19 de janeiro de 1944. Filha do Médico, Dr. Adalberto de Assis Nazareth e da Senhora Euthália Rezende de Souza Nazareth.

Desaparecida, desde 1972, na Guerrilha do Araguaia, quando contava com 28 anos. Integrante do Destacamento A das Forças Guerrilheiras. Este Destacamento passou a chamar-se Helenira Rezende após a sua morte.

Depoimento de Helenalda Rezende, sua irmã: “Em que leito de rio correrá seu sangue? Lenira, para uns... Preta para os colegas da USP... Nira entre os familiares. Fátima para os companheiros do Araguaia... Helenira foi, acima de tudo, uma cidadã brasileira consciente de seus atos, que empunhou a bandeira da justiça e da liberdade, lutando obstinadamente até a morte.

Nascida na pequena cidade de Cerqueira Cesar, próximo a Avaré, mudou-se para Assis aos 4 anos, onde cresceu, tendo concluído o Curso Clássico na EEPSP ‘Dr. Clybas Pinto Ferraz’. Participante da Seleção de basquete da cidade, sobressaiu-se como uma das melhores jogadoras da região da Alta Sorocabana, tendo também sido contemplada com várias medalhas no atletismo, na modalidade de salto à distância.

Dedicada ao estudo da teoria marxista, desde cedo sua presença se fez sentir como líder estudantil que, com posições avançadas defendia com firmeza suas propostas. Fundadora e primeira presidente eleita do Grêmio Estudantil da Escola, já se pronunciava nos palanques e na Rádio Difusora de Assis, durante campanhas políticas dos candidatos que julgava dignos de seu apoio.

E desde então, ou talvez desde o berço, foi-se formando líder estudantil, grande oradora nos Congressos Estudantis e nas manifestações de rua dos anos 60. Foi Vice-Presidente da UNE em 1968.

‘Estudante nota cem’ (depoimento de uma professora, ingressou na Faculdade de Filosofia da Rua Maria Antônia, no Curso de Letras, onde, através dos movimentos estudantis, passou a viver intensamente a vida política do país.

Com seus alunos de Português de duas escolas estaduais, uma no Jardim Japão e outra em Guarulhos, preparava peças de teatro consideradas subversivas na época.



Câmara Municipal de Assis

ESTADO DE SÃO PAULO

Helenira foi presa a primeira vez quando conclamava os colegas a participarem de uma passeata em maio de 1968, em São Paulo. E, no mesmo ano, mais uma vez foi presa, no 30º Congresso da UNE, em Ibiúna com outros 800 estudantes. Nesta ocasião, quando o ônibus que os transportava passava pela Avenida Tiradentes, conseguiu entregar a um transeunte um bilhete que foi levado à sua residência à Rua Robertson, no Cambuci, avisando a família de sua prisão. Procurada pelos policiais como Nazareth e apontada como sendo uma das líderes do movimento, foi transferida do Presídio Tiradentes para o DOPS onde caiu nas garras do Delegado Fleury, que a jurou de morte.

Uma outra mensagem foi entregue então, à sua família avisando sua localização e a dos companheiros José Dirceu, Antônio Ribas, Luís Travassos e Vladimir Palmeira. A polícia continuava negando sua prisão, enquanto um policial não identificado atuava como mensageiro entre o DOPS e o Cambuci. Após alguns dias de 'vai e vem' ao DOPS, o contato direto com Helenira foi conseguido por intermédio da Advogada Maria Aparecida Pacheco. Alguns dias depois a 'estudante', como era chamada pelo carcereiro, foi transferida para o Presídio de Mulheres do Carandiru, onde ficou detida por dois meses. Seu Habeas Corpus foi conseguido um dia antes da edição do AI-5. A partir de então passou a viver na clandestinidade, tendo residido em vários pontos da cidade e do país, antes de se dirigir ao Araguaia”.

Morta a golpes de baioneta, em 29 de setembro de 1972, depois de metralhada nas pernas e torturada. Enterrada na localidade de Oito Barracas.

No Relatório do Ministério da Marinha encontra-se a cínica “informação” de que se encontra foragida. No arquivo do DOPS/PR, o nome de Helenira consta em uma gaveta com a identificação: “falecidos”.

Declaração da ex-presa política Elza de Lima Monnerat, em Auditoria Militar, à época afirmou que “...Helenira, ao ser atacada por dois soldados, matou um deles e feriu outro. Metralharam-na nas pernas e torturaram-na barbaramente até a morte...”

De 1969 a 1972 (mesmo após sua morte na Guerrilha do Araguaia) sua família foi chamada a prestar declarações ao DOPS/SP e ao II Exército.

Em 06 de junho de 1979, um jornal publicou sobre Helenira que: “...o lugar onde estava virou uma poça de sangue, conforme falaram soldados do PIC (Pelotão de Investigações Criminais)... e confirmaram que a coragem da moça irritou a tropa. Helenira foi morta a baionetadas!”. No Jornal “A Voz da Terra”, de 08 de fevereiro de 1979, há uma extensa matéria que, sob o título “A Comovente História de Helenira”, conta a história desta combatente pela liberdade no Brasil.

Documentos:

Rua José Bonifácio, nº 1001 - Assis/SP - CEP: 19800-072 - Fone/Fax: (18) 3302-4144
www.assis.sp.leg.br



Câmara Municipal de Assis

ESTADO DE SÃO PAULO

Artigo de jornal

Liberdade para os líderes antes do Natal, (sem data e fonte). Trata de campanha que os estudantes prometem começar em todo o país para que se libertem seus líderes, citando trechos do manifesto do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (DCE/UFRJ) que foi lançado em nota oficial. O artigo discorre também sobre o processo contra os acusados de participação no Congresso da UNE, em 1968, em Ibiúna, SP. Dentre os estudantes presos, envolvidos neste processo e citados no artigo, quatro foram mortos posteriormente pela repressão militar: Helenira Rezende de Souza Nazareth, Gildo Macedo Lacerda, Antônio Guilherme Ribeiro Ribas, José Wilson Lessa Sabag. Documento com carimbo do DOPS/SP, de 29/11/68.

Artigo de jornal

Garcia, Júlio César. A comovente história de Helenira. Voz da Terra, Assis, SP, 8 fev. 1979. Conta a vida de Helenira: as tendências marxistas de seu pai, sua vida de estudante e atleta em Assis, líder estudantil ligada à União Nacional dos Estudantes (UNE), a guerrilha no Araguaia e as circunstâncias de sua morte. O artigo apresenta texto pouco legível em algumas partes. Acompanha outro pequeno artigo com nota sobre os batizados de Helenira e sua irmã Helenalda, publicado no Jornal "A Semana", de Cerqueira César, em 12/03/44.

Artigo de jornal

Hatori, Elza. Provas confirmam mortes da ditadura. Diário Popular, São Paulo, 1 de ago. 1991, p. 2. Trata da disponibilização do arquivo do DOPS/PR à Prefeitura de São Paulo para a realização de trabalho em Curitiba pela Comissão Especial de Investigação que foi criada por esta Prefeitura para acompanhar o processo das ossadas enterradas no Cemitério Dom Bosco, em Perus, São Paulo. As investigações levaram à confirmação da morte de vítimas da ditadura que não tiveram o óbito assumido pelo regime militar. Foram localizadas 17 fichas de militantes desaparecidos no arquivo do Paraná dentro de uma gaveta com a inscrição "Falecidos". Apesar das fichas e prontuários terem sido localizados em Curitiba, a maior parte destes 17 militantes desapareceu em São Paulo, depois de serem presos e torturados.

Artigo de jornal

Onde está Honestino? Anistia, Rio de Janeiro, n. 4, mar./abr. 1979. p. 8. O artigo traz a biografia de Honestino Monteiro Guimarães que foi líder estudantil na Universidade Nacional de Brasília (UnB) e o último presidente eleito da UNE até então. Foi preso algumas vezes a partir de 1964 e em 1973 escreveu uma carta denunciando as ameaças que sofria, motivo que o levou à prisão novamente.



Câmara Municipal de Assis

ESTADO DE SÃO PAULO

Desde então está desaparecido. Os membros da UNE, que acreditam que ele foi assassinado querem saber seu paradeiro, tornando Honestino o tema do Congresso de reconstrução da UNE. São lembrados outros membros da UNE que também forma mortos: Helenira Rezende, Gildo Lacerda e Umberto Câmara Neto. O artigo traz também uma poesia escrita por Honestino.

Relatório

Documento do Serviço Nacional de Informações (SNI)/Agência Central, de 26/01/76, sobre a denúncia de torturas ao Gabinete Civil da Presidência da República. Apresenta diversas informações sobre o movimento de denúncias às torturas no Brasil, inclusive em sua atuação fora do país, baseados em documentos produzidos pelos grupos de esquerda, e apontando a preocupação desta campanha pela "difamação" dos órgãos de segurança e a tentativa de transformar "elementos subversivos" em vítimas. Entre outros, cita o documento com a lista dos "torturadores", apreendido no aparelho de Ronaldo Mouth Queiroz e elaborado pelo Comitê de Solidariedade aos Presos Políticos do Brasil, formado e dirigido pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), que foi encaminhado aos Bispos do Brasil, em 02/73. O relatório também encara como exemplo da idéia fixa de caluniar o fato dos nomes de Bergson Gurjão Farias e Helenira Rezende de Souza Nazareth, mortos em combate na repressão à guerrilha do Araguaia, em 1972, aparecerem nos relatórios de seus companheiros como "presos políticos assassinados sob tortura e tidos como desaparecidos".

Relatório

Documento do Serviço de Informações do DOPS/SP, sem data, com informações sobre a militância de Helenira, de 1967 a 1972. Apresenta, a cada parágrafo, os códigos referentes às pastas onde as informações foram coletadas. Informa sobre suas condenações e prisões, a pichação do muro da Faculdade Mackenzie, São Paulo, SP, com os dizeres "Abaixo as leis da ditadura", a distribuição do jornal "subversivo" A Classe Operária, em Santos, SP, cidade onde o Partido Comunista do Brasil (PC do B) era fraco e Helenira tinha interesse em manter contatos, a participação no Congresso Regional da extinta UNE, no Paraná, em 1968 e a presença de seu nome em relação de elementos da Ação Popular Marxista-Leninista do Brasil.

Relatório

Relatório do Serviço de Informação do DOPS de São Paulo, de 06/11/69, com dados sobre a militância de Helenira de junho de 1967 a agosto de 1969, incluindo manifestações estudantis, condenações e prisões. Consta notação à mão e à máquina das pastas onde se encontram as informações a cada parágrafo.



Câmara Municipal de Assis

ESTADO DE SÃO PAULO

Relatório

Lista do DOPS contendo 70 itens com nomes de pessoas (muitos se repetem), seguidos de codinomes e condição (preso, liberado, banido ou morto). Dez desses nomes podem ser identificados dentre os mortos e desaparecidos políticos pela ditadura militar: Helenira Rezende de Souza Nazareth, Yoshitane Fujimori, Carlos Lamarca, Eremias Delizoicov, Eduardo Collen Leite, Joaquim Câmara Ferreira, Arno Preis, Maria Augusta Thomaz, Márcio Beck Machado, Aylton Adalberto Mortati.

Relatório

Relatório das circunstâncias da morte de Helenira Rezende de Souza Nazareth, elaborado pela Comissão dos Familiares dos Mortos e Desaparecidos Políticos, e enviado à Comissão Especial Lei 9.140/95.

Termo de declarações

Declaração de Helenira, de 29/06/67, sobre pichação do muro da Faculdade Mackenzie, em São Paulo, com os dizeres "Abaixo as leis da ditadura", acompanhada de Rafael Orlando D'Aléssio. Também declara possuir idéias progressistas e discordar do regime atual onde não há eleições diretas, acusando-o de ditadura.

Folheto

Depoimento publicado (sem data e fonte) com dados de militância e morte, intitulado "Memória - Helenira Resende". Entre outros, descreve sua prisão em 1968, quando foi torturada pelo delegado Fleury e sua equipe. Foi posta em liberdade, jurada de morte por aquele delegado, passando então a viver na clandestinidade na região do Araguaia. Em 29/09/72, foi metralhada, torturada e morta a golpes de baioneta. Apesar de vários depoimentos de moradores da região que confirmam sua morte e prisão, é até hoje uma desaparecida, pois os militares que a mataram e a identificaram, conforme depoimento do General Bandeira de Melo, em 1972, não se pronunciaram oficialmente. Ao lado, seguem endereços de várias instituições de direitos humanos no Brasil, para quem quiser enviar notícias, opiniões, solidariedade e críticas.

Prontuário/ Dossiê

Prontuário da Divisão de Segurança e Informações, do Departamento de Polícia Civil, do Paraná, agrupando documentos obtidos junto a diversos órgãos de segurança sobre a militância de Helenira e sua passagem por estes órgãos. Inclui fichas com dados cadastrais, impressões digitais, fotos de rosto, ampliação de sua assinatura e ofícios dos órgãos de informação.



Câmara Municipal de Assis

ESTADO DE SÃO PAULO

Ficha pessoal

Documento do DOPS/SP com qualificação e histórico, sem data. Informa que Helenira é estudante de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da USP, participante da Ação Popular no meio universitário, mais tarde, Ação Popular Marxista Leninista do Brasil. Cita vários indiciamentos e condenações de 1967 a 1971: por ocasião do Congresso Ilegal da UNE, realizado simultaneamente em Vinhedo, Campinas e São Paulo, em 1967; por pichação no muro da Faculdade Mackenzie, em São Paulo, SP, com inscrições "injuriosas" à Constituição Jurídica do país; por ter participado do XXX Congresso da UNE, em 1968, entre outros.

Ficha pessoal

Documento da Delegacia Especializada de Ordem Social, com alguns dados pessoais e foto numerada.

Ficha pessoal

Documento da Delegacia de Ordem Política e Social, de 12/10/71. Informa sobre seu nome falso, Eliana Resende Barbosa e que, segundo o Jornal do Brasil, publicado no Rio de Janeiro, de 29/03/78, Helenira morreu em combate em 08/09/72.

Jornal/ Revista

Parte do Boletim Informativo do Serviço de Polícia do III Exército, de Porto Alegre, de 1975, com lista de militantes e seus dados gerais, além de informações de suas prisões e condenações.

Documento pessoal

Carteira original do Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo, com foto 3 X 4, indicando Helenira como amadora, na cidade de Assis.

Interrogatório

Documento da Delegacia Especializada de Ordem Política de São Paulo, de 16/11/67, com dados pessoais, a afirmação de que "não sabia que seu ato pudesse configurar um crime" e sua assinatura. O crime em questão não é citado.

Interrogatório

Auto de Qualificação e Interrogatório do DOPS/SP, de 16/11/67, onde Helenira nega ter cargo de representação acadêmica, diz que desconhece a União Nacional dos Estudantes (UNE) e afirma que agiu impensadamente ao pichar o muro da Faculdade Mackenzie com os dizeres "Abaixo as leis da ditadura", entre outras declarações.



Câmara Municipal de Assis

ESTADO DE SÃO PAULO

Ofício

Documento do encarregado de Inquérito Policial Militar (IPM) ao DOPS/SP, de 31/10/69, solicitando informações sobre os militantes políticos Benjamin Abdala Júnior, Helenira Resende de Souza Nazareth, Helenalda Resende de Souza Nazareth (irmã de Helenira) e José Amauri Ferraz e estabelecimento de vigilância sobre as residências dos dois primeiros, visando observar os pontos citados. Segue em anexo resposta do DOPS/SP, de 26/11/69, enviando informações dos arquivos sobre os militantes acima e informando que Helenira encontra-se foragida em lugar não sabido.

Depoimento

Depoimento dos familiares discorrendo sobre a militância de Helenira e as circunstâncias de sua morte quando souberam que alguém em Assis dizia ter lido num jornal que Helenira havia sido morta em tiroteio no Rio de Janeiro. Ao procurarem esclarecimentos, só encontraram histórias desencontradas quando, em 1978, o jornal O Estado de S. Paulo começou a publicar artigos sobre o Araguaia, onde identificaram algumas idéias de Helenira e, a partir daí, obtiveram informações, não oficiais, sobre sua morte. Possui carimbo do arquivo do DOPS de 1980.

Legislação

Lei 9.140/95. Diário Oficial, Brasília, n. 232, 5 dez. 1995. Reconhece como mortas pessoas desaparecidas em razão de participação, ou acusação de participação, em atividades políticas, entre 02/09/61 a 15/08/79, e que por este motivo tenham sido detidas por agentes públicos, achando-se, desde então, desaparecidas, sem que delas haja notícias. No Anexo I desta Lei foram publicados os nomes das pessoas que se enquadram na descrição acima. Ao todo são 136 nomes.

Legislação

Lei 9.497/97. Diário Oficial do Município, Campinas, 20 nov. 1997. Atribui nomes de mortos e desaparecidos políticos no período da ditadura militar a ruas dos bairros Vila Esperança, Residencial Cosmo e Residencial Cosmo I.

Certidão

Certidão da Divisão de Segurança e Informações, da Polícia Civil do Paraná, para a Comissão Especial de Investigação das Ossadas encontradas no Cemitério de Perus, de 24/07/91. Certifica que as fichas das pessoas a seguir foram encontradas no arquivo do DOPS, em gaveta com a identificação "Falecidos": Aluísio Palhano Pedreira Ferreira, Hiran de Lima Ferreira, Edgard de Aquino Duarte, Paulo Stuart Wright, Eduardo Collier Filho, Helenira Resende de Sousa Nazareth, Miguel Pereira dos Santos, José Huberto Bronca, Isis Dias de Oliveira, Antônio dos Três Reis Oliveira, Ayrton Adalberto Mortati, Jorge Leal Gonçalves Pereira, Luiz Almeida, Ruy Carlos Vieira Berbert, Joaquim Pires Cerveira, Virgílio Gomes da Silva e Elson da Costa.



Câmara Municipal de Assis

ESTADO DE SÃO PAULO

Boletim de ocorrência

Boletim de ocorrência de 29/06/67, com breve histórico sobre a detenção de Helenira e Rafael Orlando D'Aléssio, estudantes, por terem pichado o muro da Faculdade Mackenzie, em São Paulo, com os dizeres "Abaixo as leis da ditadura".

Requerimento

Documento elaborado por parentes de Helenira Rezende de Souza Nazareth, Divino Ferreira de Souza, Ciro Flávio Salazar Oliveira e Áurea Elisa Pereira ao Juiz Federal da Seção Judiciária de Brasília, requisitando a apresentação das informações sobre os participantes mortos da Guerrilha do Araguaia, incluindo local da sepultura e atestado de óbito na Ação ordinária contra a União Federal, de 17/07/94.

Ao apresentarmos o presente Projeto de Lei à apreciação dos nobres Pares, contamos com o valioso apoio para sua aprovação, uma vez que pretendemos homenagear e perpetuar o nome de Helenira Rezende de Souza Nazareth.

SALA DAS SESSÕES, EM 31 DE MARÇO DE 2014.

REINALDO FARTO NUNES - PORTUGUÊS

Vereador do Partido dos Trabalhadores

JOSÉ LUIZ GARCIA

Vereador do Partido dos Trabalhadores